

Incorporação do Centrinho ao HC gera temor e provoca mobilizações

Pacientes, ex-pacientes e servidores temem prejuízos se o HRAC se transformar em departamento do Hospital das Clínicas (HC)

TISA MORAES

Referência internacional no tratamento de pacientes com fissuras labiopalatinas, o Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais da Universidade de São Paulo (HRAC/USP), o Centrinho, está no centro de um debate, cercado de temores e incertezas, sobre o futuro de suas atividades. Nas últimas semanas, pacientes e ex-pacientes em várias partes do País iniciaram uma mobilização nas redes sociais para alertar sobre eventuais prejuízos se a instituição perder seu atual status e passar a ser integrada como um departamento do futuro Hospital das Clínicas (HC), que deve começar a funcionar em julho.

Da mesma forma, nos corredores do Centrinho, o clima é de preocupação entre servidores, que temem por suas condições de trabalho, já que a gestão do complexo do HC, incluindo o HRAC, será transferida da USP para o governo do Estado e os funcionários passarão a ser submetidos às diretrizes de uma Organização Social (OS), instituição privada que está em vias de ser contratada.

Diante das iminentes mudanças, há receio, ainda, sobre um possível enfraquecimento e perda da qualidade do atendimento prestado hoje aos pacientes. "O ambiente é de terror. Todos estão com medo, sem saber o que vai acontecer. Falta transparência neste processo", reclama um funcionário, que preferiu manter a identidade preservada.

JULHO Mês em que o Hospital das Clínicas deve começar a funcionar

Moradora de São José do Rio Preto e mãe de Bento, 6 anos, paciente do Centrinho, Ana Claudia Moraes Finatto Amaral revela que muitas famílias, como a dela, estão com medo de haver redução da qualidade e do volume de atendimentos, com demora para que seus filhos avancem no processo de reabilitação. "Até porque já vemos uma dificuldade para novos pacientes que não são da região de Bauri entrarem no Centrinho hoje", frisa ela, que é membro da ONG As Fissuradas.

'SEM AUTONOMIA'

Um dos articuladores da mobilização em Bauri, o advogado, ex-paciente e ex-presidente da Rede Nacional de Associações de Pais e Pessoas com Fissura Labiopalatina, Thyago Cezar, conta que o receio sobre os rumos do Centrinho aumentou após o avanço das tratativas para a implantação definitiva do novo hospital.

Em dezembro passado, inclusive, quando foi assinado o acordo de cooperação técnica entre a Secretaria de Estado da Saúde e a USP, o governo paulista informou que o HRAC seria integrado ao escopo do complexo do HC, sem detalhar se ele deixaria de ser hospital para se tornar um departamento ou

clínica, como cogitam usuários e servidores.

"Se isso ocorrer, o Centrinho não terá mais autonomia funcional, administrativa e de prestação de serviço. Estamos falando de um hospital que, além de oferecer atendimento de excelência, com tratamento integral ao paciente, da cirurgia à reabilitação, também exporta tecnologia", alerta Cezar.

O termo de cooperação assinado em dezembro, assim como no decreto que criou o HC, em 2018, não dão garantias claras de que a estrutura, o perfil, a resolutividade, o volume e a variedade de atendimentos atuais do Centrinho estão assegurados para os próximos anos. No termo, um trecho cita apenas que a secretaria tem obrigação de "assumir a assistência de saúde atualmente realizada pelo HRAC".

PACTUAÇÃO

Já o decreto frisa que "cabera ao HC as atribuições de assistência à saúde atualmente prestadas pelo HRAC". Superintendente do Centrinho, o professor Carlos Ferreira dos Santos afirma, contudo, que não haverá qualquer mudança nas atividades da instituição e nas condições de trabalho dos servidores.

"Tudo o que é feito hoje no Centrinho será mantido. O decreto estabelece que o HC mantenha todos os serviços do HRAC. O Departamento Regional de Saúde de Bauri (DRS-6) encaminhou à Secretaria de Saúde nossa pactuação atual, com os tipos e número de procedimentos, e a pasta quer honrar o excelente atendimento



Ana Claudia Moraes Finatto Amaral com o filho Bento, paciente do Centrinho: famílias temem queda na qualidade



Thyago Cezar, ex-paciente: Centrinho exporta tecnologia



HRAC/USP conta com 535 profissionais, atualmente

que é prestado hoje. Não há motivo para preocupação", frisa.

Em nota, a secretaria informou que "as ações de saúde serão fortalecidas" e que os 535 profissionais que atuam no

HRAC "terão seus empregos assegurados, podendo permanecer no HC ou serem realocados pela USP, que será responsável pela folha de pagamento e encargos trabalhistas".

Risco de precarização dos serviços preocupa trabalhadores

Segundo a superintendência do Centrinho, os atuais servidores do HRAC continuarão vinculados à USP, atuando nas mesmas funções que desempenham dentro do hospital. Ainda que isso ocorra, funcionários temem a precarização do serviço no longo prazo, por entenderem que a OS que assumirá a gestão da unidade, quando tiver de repor trabalhadores que se aposentarem ou morrerem, não garantirá salários e benefícios que atraíam, como agora, pro-

fissionais com qualificação para prestar o serviço especializado oferecido hoje.

"É o que vemos ocorrer em hospitais com o mesmo modelo de gestão. É algo que tem potencial para gerar conflito, caos no ambiente de trabalho, com prejuízo aos pacientes. A qualidade do serviço vai cair. É um absurdo o que está sendo feito. A revolta entre os servidores é geral", descreve Claudia Carrer, membro da diretoria colegiada do Sindicato dos Trabalhadores

da USP (Sintusp).

Ela diz, ainda, que a superintendência do Centrinho adiantou que todos os servidores serão convidados a assinar um termo de aceite para atuar sob a gestão do governo do Estado e da OS. Apesar de não ser um ato compulsório, os funcionários temem consequências, como eventuais transferências para outras unidades da USP no Estado, se não concordarem com o documento.

Além disso, afirma que, dos 535 servidores, 30 que desempe-

nam atividades acadêmicas ou administrativas no Centrinho já teriam sido listados para serem realocados na futura Faculdade de Medicina, que pode ser aprovada até o fim deste ano. "O demais foram comunicados de que a USP não está mais recebendo pedidos de transferência", pontua.

Sob condição de anonimato, outro servidor relata que o temor em relação a um possível desmanche dos serviços prestados pelo Centrinho é reforçada pela

redução de investimentos que já ocorre há anos na unidade. Segundo ele, nos últimos oito anos, não houve reposição de servidores e o volume de cirurgias foi reduzido pela metade.

"Acredito que a queda será ainda mais drástica daqui para frente. E hoje já temos uma lista de 10 mil pacientes aguardando cirurgia. Tem pessoas que deveriam ter feito enxerto ósseo quando tinham entre 9 e 12 anos e estão sendo atendidos com 24 anos".

Gestão passa ao Estado como requisito para a USP ter Faculdade de Medicina

Conselho Universitário condicionou aprovação da faculdade à transferência, ao governo, da gestão do HC, que inclui o HRAC

TISA MORAES

A abertura definitiva do Hospital das Clínicas (HC) em Bauru, que promete minimizar o problema crônico de falta de leitos de internação na região, é pré-requisito para que o curso de Medicina da USP em Bauru possa contar com uma unidade própria, a Faculdade de Medicina da universidade. Hoje, o curso está ligado à Faculdade de Odontologia de Bauru (FOB/USP), que também abriga as graduações de Odontologia e Fonoaudiologia.

Segundo o superintendente do Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais (HRAC), o Centrinho, Carlos Ferreira dos Santos, quando o Conselho Universitário (CO) da USP aprovou a criação do curso de Medicina, em julho de 2017, esta anuência foi condicionada à transferência, para o Estado, da gestão e custeio de todo o complexo do HC, que incluiu o próprio HRAC. Somente a partir disso, a universidade poderia requerer a criação da Faculdade de Medicina.

“A mudança de gestão e a incorporação do Centrinho ao HC, portanto, é um projeto institucional, que extrapola o que a USP em Bauru poderia gerenciar. São decisões de governo a partir de agora”, argumenta, relem-

PIONEIRO

Atuando há 54 anos, HRAC tem como marca o tratamento humanizado

brando o histórico de tratativas, que envolveu a criação do HC e a cessão de uso à Secretaria de Estado da Saúde, em 2018; a assinatura do acordo de cooperação técnica para operacionalização do hospital, em 2021; e a publicação do chamamento público, em 2022, visando contratar uma Organização Social (OS) para administrar o HC.

O superintendente reforça que os 535 servidores do HRAC continuarão vinculados à USP, com salários pagos pela universidade, até se aposentarem. Porém, novas contratações, seja a título de reposição de profissionais ou para ampliação de serviços, ficarão sob responsabilidade do governo do Estado, por intermédio da OS.

“É o mesmo modelo de gestão do Hospital das Clínicas da USP em São Paulo e em Ribeirão Preto. São dois hospitais de excelência geridos pelo Estado, por meio de OS, com a diferença de que, depois, foram transformados em autarquia, o que também deve acontecer futuramente com o HC

de Bauru. Então, teremos a oportunidade de ter em nossa cidade um hospital tão bom ou melhor do que estes”, frisa.

INTERLOCUÇÃO

Santos também acredita que o Centrinho poderá ser incorporado ao HC mantendo seu status de hospital, inclusive com a manutenção da superintendência conduzida por ele hoje. “Juridicamente, o HRAC deverá existir por muito tempo, porque, inclusive, os funcionários precisam continuar vinculados à USP. E nossa proposta é de que os membros da chefia do HRAC tenham interlocução com os gestores da OS”, frisa.

Com a iminência da abertura do HC, prevista para julho, a USP pretende encaminhar ao Conselho Universitário a proposta de criação da Faculdade de Medicina. Nela, será incluída a sugestão de a faculdade abrigar um Instituto de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais, com autonomia, por exemplo, para manter convênios para captação de recursos, como o da Smile Train, maior organização de fissura labiopalatina do mundo, com quem o Centrinho mantém parceria desde 2017.

“Formamos um grupo de trabalho para elaborar a proposta de criação da faculdade, que deve ser apre-



Superintendente do Centrinho, professor Carlos Ferreira dos Santos: juridicamente HRAC deverá existir por muito tempo

sentada até junho. É um processo complexo e nossa expectativa é de que, até dezembro, já tenhamos uma decisão do conselho”, projeta, salientando que, no final

do ano que vem, se forma a primeira turma do curso de Medicina, que precisa estar vinculada a uma Faculdade de Medicina para obter o diploma de graduação.

Relevância

Com 54 anos de atuação, o Centrinho é pioneiro em suas áreas de atuação e referência nacional e internacional no tratamento e pesquisa de anomalias craniofaciais congênitas, síndromes associadas e deficiências auditivas. Com assistência integralmente dedicada ao SUS, a instituição tem como uma de suas marcas o tratamento humanizado e interdisciplinar dos pacientes, que podem ficar sob os cuidados das equipes desde os primeiros anos de vida até a idade adulta, com acompanhamento médico, odontológico, fonoaudiológico e de todos os profissionais de apoio, visando uma reabilitação completa: estética, funcional e psicológica.

O trabalho desenvolvido pela instituição ajuda a transformar vidas, como é o caso de pessoas com fissura labiopalatina, malformação que incide em uma a cada 650 crianças nascidas. Desde sua fun-

dação até dezembro de 2020, o HRAC havia atingido a marca de 122.639 pacientes atendidos, oriundos de todos os estados do País.

Ao longo destas cinco décadas, deu inúmeras contribuições à sociedade, desde a colaboração na formulação de políticas públicas até a descoberta de uma síndrome rara e o desenvolvimento de novos aparelhos e próteses.

O Centrinho também é um importante núcleo de ensino, com cursos de pós-graduação e residências médicas que geram conhecimento e recursos humanos especializados na área da saúde. Já no campo da pesquisa, os estudos realizados têm influenciado não somente na elaboração de políticas públicas, mas também em inovações tecnológicas e clínicas, e resultado em expressiva produção científica, inclusive com cooperação de instituições do Exterior.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal da Cidade - Bauru/SP

Seção: O que está por vir? **Página:** 4 e 5